

bloqueamentos difíceis de superar. Bloqueamentos esses que provêm, em boa parte, do tipo de compartimentações criadas quer no plano institucional, quer no plano espacial, produtos, muitas delas, de racionalidades e lógicas com uma raiz histórica que tem vindo a ser reconhecida como inoperante em alguns países da Europa. Como expressão deste facto reconheceu-se, entre outros aspectos, na inexistente e indispensável descentralização, na excessiva diferenciação e deficiente concepção de estabelecimentos, no sobredimensionamento e nas características da malha de implantação territorial dos estabelecimentos, a causa de muitas das dificuldades e impasses que entre nós se observam. A inércia resultante de estatutos organizacionais, regulamentares, profissionais, etc., apareceu também como um obstáculo às reformulações a que se torna necessário dar curso e que deverão procurar orientar-se no sentido de accionar estruturas pequenas, descentralizadas, com uma orgânica leve, de modo a facilitar a sua adaptação permanente. A este propósito, as intervenções da Senhora Prétot revestiram-se de particular interesse, não só porque foram recheadas de exemplificações de casos mas, também, porque sugeriram pistas de trabalho e métodos a desenvolver. O recurso ao método por ela designado de sistémico, enquanto forma de intervenção que exige, perante a apreciação globalizante de casos, a conjugação de iniciativas dos diferentes intervenientes no processo reeducativo, foi uma das pistas apresentada como condutora de potencialidades na renovação de processos e na inversão de tendências.

Carlos Lencastre Costa

NONO CONGRESSO BIENAL DA ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE ESTUDOS AMERICANOS

De 3 a 6 de Novembro de 1983, realizou-se em Philadelphia, Pennsylvania, o Nono Congresso Bienal da Associação Americana de Estudos Americanos, a maior e a mais prestigiada das associações nesta área de estudos. O Congresso reuniu centenas de participantes, de entre os quais se destacavam alguns dos nomes mais notáveis neste campo.

Cumprindo a sua vocação interdisciplinar, os Estudos Americanos mais uma vez demonstraram grande dinamismo, de que

foi exemplo uma evidente vontade de diálogo e renovação. À roda de um tema, que era assumidamente inespecífico e englobante, «Public Life, Private Lives», o Congresso estruturou-se com base num princípio bem americano de polémica e discussão entre os mais novos e os seus mestres. O Encontro propunha, como seu objectivo último, o confronto da teoria com a sua prática no plano dos Estudos Americanos, quer dentro da Universidade, quer nos seus reflexos ou ligações significativas com a sociedade em geral. As sessões concretizaram-se assim à volta da discussão estimulante e produtiva entre jovens, no início da carreira, que tomaram a palavra para propor possíveis aplicações das teorias que maior influência têm tido na prática contemporânea dos Estudos Americanos, e os seus comentadores, frequentemente os seus mestres. Aos teóricos, autores das teorias em questão, presentes, eles próprios, nas sessões, cabia a resposta à discussão, depois alargada ao público interessado. Foi de facto inovador, e sem dúvida muito interessante, vermos autores de renome, em pessoa, exporem-se ao desafio das suas teorias e, na sua maioria, surpreendentemente abertos a sugestões e críticas. Foi o caso, por exemplo, do estudioso da raça e etnicidade, Herbert Gans, que, de bom grado, aderiu à dissecação dos seus quadros conceptuais por jovens e brilhantes argumentadores como Werner Sollors e José Limon; não tão bem sucedida foi a proposta de aplicação da leitura ou recepção do texto de Stanley Fish a uma análise da sociedade. A título de exemplo ainda, outras perspectivas serão de referir, pela sua especial relevância para os Estudos Americanos, trazidas a debate através de teorizações como a de Richard Sennett na Sociologia, Henry Glassie no Folclore, Catherine Albanese na Religião, ou Mary Douglas na Antropologia.

O ensino dos Estudos Americanos no estrangeiro foi também objecto de debate, numa sessão especialmente programada para o efeito. Organizada em forma de mesa redonda, dinamizada por dois professores de nacionalidade americana, com experiência de docência no estrangeiro, e três professores de Estudos Americanos de diferentes nacionalidades (entre eles, a Doutora Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, da Faculdade de Letras de Coimbra e Vice-Presidente da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos), esta sessão suscitou debate, por vezes polémico, sobre questões como o estabelecimento (ou subversão) dos cânones, concepção e organização de *curricula* e programas, definição de prioridades e, sobretudo, o problema da relevância e alcance dos Estudos Americanos na sua inserção nos diferentes países do mundo.

Como se tornou evidente até aqui, a vastidão do tema e a já referida tendência interdisciplinar possibilitaram a inclusão das mais variadas versões, redefinições, polémicas, como aliás é característico dos Estudos Americanos, e se sugeria já na longa lista de tópicos apresentada no programa: da Língua à Literatura, da História à Biografia e Autobiografia, da Filosofia à Religião, do Folclore à Cultura Popular, da Música ao Cinema e Fotografia, da Arquitectura à Sociologia, das Minorias às Mulheres, passando pela cidade, o trabalho, a família, a lei, o ambiente, a ameaça nuclear.

Apesar da quase inevitável aparência de desorganização, justificada talvez, em parte, pela dimensão e ambições do projecto desta Associação, recolhia-se em cada grupo de trabalho, com maior ou menor êxito, um dado importante para um debate que se deveria alargar a outras associações e especialmente à prática dos Estudos Americanos nas Escolas. Esse dado é exactamente a questionação das teorias, que saíam do seu isolamento e dogmatismo, e se expõem ao desafio de uma discussão recriadora, à medida que novas ideias se aventam, novas hipóteses de trabalho se abrem.

A frustração do observador em Encontros deste género cresce em proporção directa com a variedade dos temas em debate e o número de grupos de trabalho paralelos, dada a evidente limitação física, que apenas permite absorver uma parcela mínima do conjunto. De qualquer modo, restou a experiência frutuosa de uma amostragem significativa das ideias, práticas e propostas de investigação, que retrata o panorama contemporâneo dos Estudos Americanos.

Maria Isabel Caldeira

ESTUDOS SOBRE A MULHER

Subordinado à temática «Estudos sobre a Mulher», decorreu na Fundação Calouste Gulbenkian, nos passados dias 24 e 25 de Novembro, um Seminário organizado pela Comissão da Condição Feminina. Paralelamente, esteve aberta uma Exposição Bibliográfica sobre a Mulher, na qual foram integradas obras portuguesas sobre mulheres e cujo catálogo constitui um instrumento de investigação extremamente útil.

No primeiro dia, os trabalhos do seminário consistiram na apresentação e debate das comunicações de Michèle Kail